

Rui e o mito

Leonardo ARROYO

O mito e suas vinculações humanas, históricas em perspectivas mais largas, já contam com uma bibliografia de fácil consulta e todo leitor pode ser esclarecido num ponto fundamental do problema: tanto o mito como o símbolo são produtos da reação do homem primitivo — e primitivo sem qualquer traço pejorativo — diante da vida e, por consequência, uma projeção de suas próprias necessidades de crença. Veja-se, por exemplo, a lucida introdução de J. A. Perez-Rioja ao seu "Diccionario de Simbolos y Mitos", onde a genese e significação do mito se acham devidamente esclarecidas. O recente livro de R. Magalhães Junior, "Rui, o Homem e o Mito", que tanta celeuma, justamente em sua complexa significação, provoca entre nós, tem esse aspecto por assim dizer saneador dos velhos vícios seculares de nossa formação histórica e social, ou mais particularmente cultural. Coloca um mito na sua devida dimensão humana e se assim é, por outro lado, obriga a uma não menos justa revisão do decantado cultor da língua portuguesa, o grande orador, o sensual da fraseologia, o símbolo típico, perfeito, da bacharelise do Império transportada para a República. Este volume, em que pese as não poucas malícias em muitas de suas paginas, faz bem à cultura brasileira moderna, pois coloca problemas da nossa formação cultural. É por esse prisma, talvez, que se reflete sua importância. Por exemplo: o problema da transferencia religiosa.



R. Magalhães
Junior

O fenomeno se realizava, no seculo passado, na area do beatismo, do fanatismo, cujos eventos classicos são Antonio Conselheiro e o padre Cicero (veja-se a fenomenologia desses fatos na obra de Gustavo Barroso e de Euclides da Cunha), e transferiu-se para area presumidamente mais arejada, a politica. Isto explica os fenomenos carismaticos, os chamados "fenomenos politicos" (a qualificação se renova em recente livro de J. J. Faust, "A Revolução Devora seus Presidentes") de certos tipos que galvanizam, como verdadeiros salvadores da patria, toda essa difusa e condicionada necessidade religiosa da massa, que não se realiza, como seria logico e racional na area especificamente religiosa, mas se transfere, por causas economicas e sociais para a area politica. Com Rui Barbosa o drama seria o mesmo. Foi um homem viciado por seu tempo, conforme mostra R. Magalhães Junior, e viciado pelas imposições, pelas vinculações do seu tempo historico, todo ele armado dentro de uma sequencia socio-economica que reflete profundamente o desespero de uma nação mal preparada para enfrentar seus problemas vitais. Daí suas contradicções, seus defeitos, sua auto-suficiencia, esta principalmente ilustrada num episodio ocorrido na Bahia, quando Rui foi homenageado com almoço em casa de familia de suas relações. É a historia que nos conta Sodré Viana em seu livro "Cadernos de Xangô". Quando a empregada da casa anunciou o prato a ser servido, arroz de haussá, Rui, com aquela sua superioridade iluminada de conselheiro, afirmou que o negro africano deturpava uma expressão tão simples, como agua e sal, até parecer outra palavra! E já se sabia que o arroz de haussá apanhara sua qualificação de certa tribo africana que trouxera essa especialidade para o Brasil. O que parece impressionar sobretudo no livro de R. Magalhães Junior é o arrolamento de fatos comprovantes de certa alienação de Rui, do ponto de vista cultural brasileiro, como expressão tipicamente brasileira, da realidade historica e social de sua epoca, pedindo emprestadas idéias e soluções no exterior. Já Gilberto Amado acentuava em "Aparencias e Realidades" esse problema, quando Rui era vivo. Gilberto Freire tambem focalizou a questão em "Ordem e Progresso", pelo complexo nacional do "amarelinho". Esta alienação explicaria o sensualismo oratorio e estilistico de Rui Barbosa e é o mal que um diplomata nosso, Isocrates de Oliveira, qualificou recentemente de "doença enjatica", com suas metajoras, sinonimias e homoteleutas, ou seja, em linguagem miuda, florear muito sem dizer nada. Seria este bacharelismo, no seu pior significado, que nos estaria, muitas vezes, impedindo a objetividade política com extensão nas multiplicas areas da cultura nacional. R. Magalhães Junior, porem, que poderia ter feito um ensaio de sociologia da inocuidade oratoria, preferiu a solução do impacto, do choque, do escandalo — o velho recurso sempre eficiente para abrir brechas em certos aspectos consagrados, verdadeiros artigos de fé, de nossa formação cultural. Parece evidente, mesmo na sua orientação critica, que "Rui, o Homem e o Mito" é iniciativa necessaria. É uma contribuição corajosa para o arejamento e a verdadeira mensuração de vultos de nossa historia, muitas vezes transitados, por um sentimentalismo vulgar e gratuito, da area humana, dignamente humana, realista, para um plano de falsa deificação. Os velhos sacerdotes de Rui Barbosa têm, enfim, no livro de R. Magalhães Junior, vasto campo para o exercicio de contestações. Todos os fatos arrolados, documentados, afirmados, principalmente os do capitulo da Conferencia de Haia, o do Encilhamento, o da Doutrina Drago, o da vacina obrigatoria, pelo autor desse livro forte, obrigam agora a argumentações tambem documentadas, lucidamente documentadas, e não meros exercicios oratorios de confusão deliberada.